

Resumo de Políticas: **Impacto da COVID-19 na África**

ATUALIZADO EM
20 DE MAIO DE 2020
Tradução não oficial para o português (BR)

SUMÁRIO EXECUTIVO:

Impacto da COVID-19 na África

É muito cedo para conhecer o impacto total da COVID-19 na África. Até o momento, a experiência tem sido variada. Existem motivos de preocupação, mas também razões de esperança. As estimativas iniciais eram pessimistas em relação ao impacto da pandemia no continente. Mas o número relativamente baixo de casos da COVID-19 relatados até agora aumentou as esperanças de que os países africanos sejam poupados do pior da pandemia. Embora o vírus esteja presente em todos os países africanos, a maioria dos países registrou menos de 1.000 casos. A União Africana agiu rapidamente, endossando uma estratégia continental conjunta em fevereiro e complementando os esforços dos Estados Membros e Comunidades Econômicas Regionais, fornecendo uma plataforma de saúde pública.

No entanto, é necessário cuidado, pois estes são os primeiros dias do ciclo de vida de uma doença que ainda não é totalmente compreendida e onde primeiro vimos padrões repetidos lentamente, depois testemunhamos crescimento exponencial no número de casos. Os baixos números registrados até agora podem estar ligados à capacidades mínimas para testar e para comunicar casos. A OMS alertou que a pandemia poderia matar entre 83.000 e 190.000 pessoas em 47 países africanos no primeiro ano, dependendo principalmente das respostas dos governos; e que o vírus poderia “permanecer latente” por vários anos.

Além disso, tal como em outras regiões, não há uma narrativa homogênea em torno da pandemia da COVID-19 na África. A

pandemia está afetando os países africanos de maneira diferente, dados vários pontos fortes e vulnerabilidades. Apenas um terço dos africanos tem acesso à lavagem adequada das mãos, por exemplo, e há menos de um médico por mil pessoas no continente.¹ Mas alguns países também têm muitas lições relevantes sobre como lidar com anteriores epidemias de HIV / SIDA e do ebola no envolvimento das comunidades, comunicação de riscos e adaptação de métodos locais e inovadores para criar abordagens africanas para controlar a propagação da doença. O Centro Africano de Controle e Prevenção de doenças está a aumentar as capacidades da região, desenvolvendo capacidades de teste, promovendo a gestão da pandemia com base no conhecimento e apoiando os esforços dos governos para mobilizar recursos para uma resposta de saúde sustentada.

Enquanto o impacto imediato na saúde ainda está a evoluir, as consequências indiretas para além da saúde já causam um elevado custo. Isso inclui insegurança alimentar, falta de suprimentos médicos, perda de renda e de meios de subsistência, dificuldades na aplicação de medidas de distanciamento sanitário e físico, uma crise de dívida iminente e riscos políticos e de segurança relacionados. Este resumo de políticas capta um retrato instantâneo dos impactos imediatos da pandemia na saúde, economia, paz, segurança, direitos humanos e assistência humanitária na África. Descreve as medidas de resposta atualmente adotadas por atores africanos e externos e fornece recomendações para proteger os ganhos na luta contra a pandemia

¹ Banco Mundial — <https://data.worldbank.org/indicator/SH.MED.PHYS.ZS?end=2015&locations=ZG&start=1994>

e maximizar as oportunidades na recuperação para um futuro mais inclusivo e sustentável, à medida que os países emergem desta crise.

AS SEGUINTE CONCLUSÕES PRINCIPAIS EMERGEM DA NOSSA ANÁLISE:

SAÚDE:

A resposta global à saúde deve enfatizar a solidariedade para com os países em desenvolvimento, guiada pela noção de saúde como um bem público global. Os países africanos, com apoio de parceiros, podem tomar medidas para melhorar as capacidades de teste, acesso a suprimentos médicos e à participação na pesquisa de tratamentos e vacinas; melhorar a produção e inovação através da colaboração intra-africana; expandir o destacamento de agentes comunitários de saúde, que se mostraram eficazes durante crises de saúde anteriores; e aumentar a capacidade do pessoal médico, inclusive aproveitando a experiência da diáspora. Uma vez descobertas as vacinas ou o tratamento médico para a COVID-19, é essencial que a África se beneficie de igualdade de acesso. Além disso, essas medidas devem fazer parte de um esforço abrangente para melhorar a resiliência e a preparação dos sistemas de saúde que estarão cada vez mais expostos a riscos, de desastres naturais induzidos pelo clima e conflitos.

SOCIOECONÔMICO

Para ajudar a lidar com as consequências econômicas e sociais devastadoras desta crise, precisamos de um pacote abrangente de respostas globais no valor de uma porcentagem de dois dígitos do Produto Interno Bruto global. Para a África, isso significa mais de US\$ 200 bilhões. Todos os parceiros da África devem se mobilizar. Também precisamos de uma paralisação generalizada da dívida para os países africanos, além de opções abrangentes para a sustentabilidade da dívida e soluções para questões estruturais na arquitetura da dívida internacional. O aumento de recursos das agências multilaterais de empréstimos, inclusive por meio do aumento dos Direitos Especiais de Saque do FMI,

também será fundamental para o sucesso da região em lidar com as consequências da pandemia. É vital que as medidas para enfrentar as quedas econômicas e sociais da crise incluam apoio direto que manterá as finanças familiares equilibradas e as empresas solventes. Deve haver um foco nos mais afetados. As medidas tomadas até agora pelos governos africanos para salvar vidas e proteger os meios de subsistência com uma abordagem “primeiro o povo” e seus esforços para apoiar grandes, médias e pequenas empresas, bem como o setor informal, que é o setor predominante para o emprego das mulheres, precisam ser ampliados substancialmente, com o apoio de todos os parceiros. Também é necessário apoio orçamental de emergência para obter materiais essenciais para salvar vidas e efetuar a resposta socioeconômica imediata.

SEGURANÇA ALIMENTAR:

Muitos africanos correm o risco de insegurança alimentar como consequência desta crise. É importante priorizar a agricultura, declarando-a um setor crítico que não deve ser interrompido pelas medidas relacionadas à COVID-19. Os corredores alimentares precisam ser protegidos e os agricultores apoiados para garantir suprimentos ininterruptos e segurança alimentar. Da mesma forma, o foco deve estar nas regiões e comunidades onde os riscos são mais agudos, fortalecendo os sistemas de proteção social e salvaguardando o acesso à alimentos e à nutrição para os grupos mais vulneráveis, especialmente crianças pequenas, mulheres grávidas e que amamentam, idosos e outros grupos de risco.

PAZ E SEGURANÇA:

Ao lidar com a ameaça da pandemia, manter a paz e a segurança na África continuam a ser fundamentais. Nesse sentido, as prioridades incluem silenciar as armas, implementar o apelo do Secretário-Geral e do Presidente da Comissão da União Africana por um cessar-fogo, sustentando processos de paz e operações críticas de paz. A resposta à COVID-19 precisa ser “sensível a conflitos” e evitar gerar novas tensões. As decisões sobre as eleições nacionais planejadas devem ser tomadas de maneira inclusiva e consultiva. Uma abordagem de segurança inclusiva também garantirá que o combate ao aumento da violência doméstica e práticas nocivas,

como casamento infantil e abuso sexual como resultado da pandemia, sejam integrados por meio de medidas preventivas em todo o planejamento das respostas.

DIREITOS HUMANOS:

Manter as considerações sobre direitos humanos à frente da resposta à COVID-19 resulta em melhores resultados². A confiança do cidadão nas instituições, a transparência e a coesão social parecem melhorar o cumprimento das medidas de resposta. A inclusão e a participação de mulheres e jovens e o respeito pelos direitos humanos precisam ser mantidos na prestação de serviços relacionados à COVID-19 e na luta contra o vírus. A recuperação da crise deve levar à economias e à sociedades mais igualitárias, inclusivas e sustentáveis.

² Resumo de políticas sobre COVID-19 e os Direitos Humanos

SEÇÃO 1:

Introdução

A pandemia da COVID-19 chegou num momento em que as perspectivas para muitos países africanos eram promissoras. No início de 2020, a África estava no bom caminho para continuar a sua expansão econômica, com um crescimento previsto de 2.9 % em 2019 para 3.2% em 2020, e 3.5% em 2021.³ Verificavam-se ganhos importantes nos indicadores de redução da pobreza e saúde. A tecnologia e a inovação eram cada vez mais assimiladas em todo o continente, com os jovens africanos a agirem como primeiros utilizadores de novas plataformas, tais como serviços financeiros móveis.

Registraram-se igualmente progressos no que diz respeito à unidade política e à integração econômica. A entrada em vigor da Área de Livre Comércio Continental Africana (AFCFTA em sua sigla em inglês), em maio de 2019, prometeu impulsionar o comércio intra-africano até 25% até 2040.⁴ Além disso, a África se beneficiou de alguns dos rendimentos globais mais elevados de investimento estrangeiro direto (IED).⁵ Em 2020, deveriam realizar-se várias eleições inclusivas, cada vez mais uma norma para a maioria dos países africanos.

Ao mesmo tempo, tal como acontece com outras regiões do mundo, a África enfrentou grandes desafios. Não estava no bom caminho para atingir os objetivos da Agenda 2030 e da Agenda 2063.⁶ A fraca governança, a corrupção, a degradação ambiental, as violações dos direitos humanos, a falta de diversidade

econômica e as situações humanitárias e de conflito, entre outras, minaram ainda mais o progresso.

É neste contexto que os países africanos estão a lidar com a pandemia da COVID-19. Embora o impacto total da pandemia ainda não se tenha feito sentir, a prolongada falta de investimento em sistemas de saúde críticos e décadas de crescimento econômico que também agravou as reivindicações e as desigualdades, aumentou a vulnerabilidade da África. Se não for controlada a tempo, a pandemia poderá rapidamente transformar-se em crises humanitárias, socioeconômicas, de desenvolvimento e políticas, com efeitos profundamente desestabilizadores.

³ Perspectivas e Situação Econômica Mundial 2020, Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, 13 de maio de 2020.

⁴ UNCTAD, 2019, Desenvolvimento Econômico na África

⁵ Veja Odusola, A.F. 2018. Investir na África é uma bom negócio e uma estratégia corporativa sustentável Africa Renewal.

⁶ Sexta sessão do Fórum Regional da África sobre Desenvolvimento Sustentável: resumo, mensagens-chave e Declaração de Victoria Falls, ECA/RFSD/2020/16, 24 de Março de 2020

SEÇÃO 2:

COVID-19 e a Resposta Imediata da África

O primeiro caso da COVID-19 no continente africano foi notificado a 14 de fevereiro de 2020. Até 13 de maio, tinham sido notificados casos em todos os 54 países.⁷ A União Africana agiu rapidamente, aprovando uma estratégia continental conjunta em fevereiro e complementando os esforços dos Estados-Membros e das Comunidades Econômicas Regionais através da criação de uma plataforma de saúde pública. O Presidente da União Africana, Cyril Ramaphosa, Presidente da África do Sul, nomeou quatro Enviados Especiais para mobilizar o apoio internacional aos esforços da África para fazer face às consequências econômicas da COVID-19.

Os Centros Africanos de Controle e de Prevenção de Doenças (CDC África), criados em 2017, estão a fazer a curadoria de informação em tempo real, em estreita colaboração com a Organização Mundial da Saúde (OMS). A nova Parceria para Testes Acelerados da COVID-19 (PACT em sua sigla em inglês) do CDC África, que visa testar 10 milhões de pessoas no prazo de seis meses, complementará os esforços governamentais, ao mesmo tempo que estabelecem avanços importantes na promoção de uma gestão da pandemia baseada no conhecimento. O apoio da OMS será vital e um passo significativo para o alcance deste objetivo, dado que, até à data, existe uma disponibilidade limitada de kits para teste em todo o continente.

O CDC África criou igualmente o Fundo de Resposta à COVID-19 na África, em colaboração com a iniciativa público-privada

“AfroChampions”, para angariar um montante inicial de US\$150 milhões para necessidades imediatas e até US\$400 milhões para apoiar uma resposta sanitária e assistência socioeconômica às populações mais vulneráveis na África.

A maioria dos países africanos avançou rapidamente, impondo quarentenas, confinamentos e fechamento de fronteiras. Até à data, os países com níveis mais elevados de testes registraram taxas de infecção mais baixas, mas a capacidade limitada tornou difícil discernir com precisão taxas de transmissão, de hospitalização e de mortalidade. As Comunidades Econômicas Regionais também têm sido pró-activas, revelando iniciativas nas suas respectivas regiões.⁸

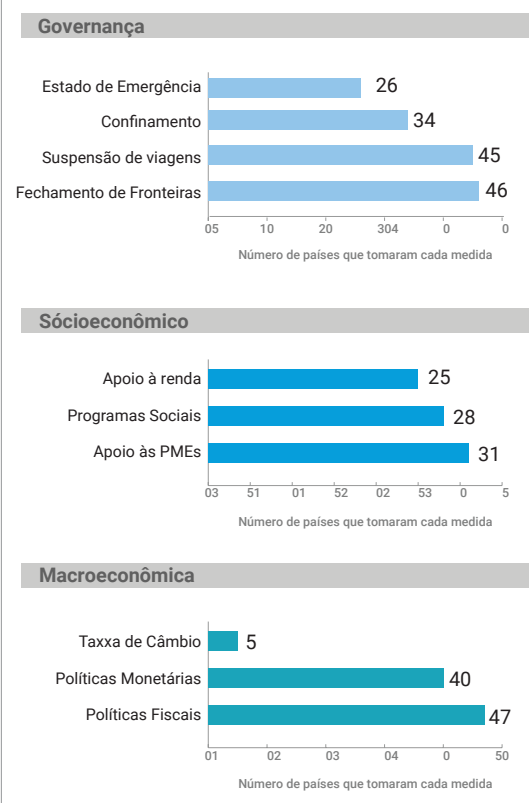
Os países africanos estão também a abordar as consequências econômicas e humanitárias da pandemia. Muitos já anunciaram medidas fiscais e monetárias corretivas, bem como a distribuição de alimentos e apoio financeiro aos grupos mais vulneráveis. Ainda mais é necessário ser feito em termos de assistência imediata e direta para amortecer a perda de rendimentos e de receitas de exportação, a diminuição das remessas e de receitas governamentais devido à resposta imediata da África à COVID-19. No entanto, relativamente poucos países têm iniciativas articuladas para mitigar os impactos socioeconômicos da COVID-19 (veja Gráfico 1).

⁷ Fontes: Relatório Situacional da OMS sobre COVID-19. Primeiro caso relatado no Egito. Lesoto foi 54º país a relatar um primeiro caso em 13 de Maio

⁸ A Comunidade da África Oriental, a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral, a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental e a Autoridade intergovernamental para o Desenvolvimento lançaram iniciativas em suas respectivas regiões

Gráfico 1

Respostas individuais de cada país à COVID-19 na África Subsaariana



Fonte: PNUD⁹

Os países africanos adotaram, em grande medida, uma abordagem de prevenção moderada, mantendo um certo nível de atividade econômica. A Gana, por exemplo, optou por um confinamento parcial por um período limitado e acompanhamento rigoroso dos movimentos das pessoas, fornecendo instalações sanitárias e água gratuita para os mais vulneráveis. Botsuana tem se concentrado em aumentar os meios de subsistência dos agregados familiares vulneráveis através da compra de alimentos às comunidades locais. A eficácia relativa das diferentes estratégias em toda a região só será conhecida ao decorrer do tempo.

⁹ Fonte: Index Mundi, 2020 (www.indexmundi.com)

¹⁰ <https://www.voanews.com/covid-19-pandemic/african-nations-look-for-their-own-solutions-virus-crisis>
<https://www.thereporterethiopia.com/article/yascai-ethiopia-inaugurate-locally-made-ventilators>

QUADRO 1: EXPERIÊNCIA AFRICANA ADVINDAS DE EPIDEMIAS ANTERIORES

A experiência da África no tratamento do HIV/AIDS e do ebola criou comunidades de prática com estratégias inovadoras de rastreio, de tratamento, de isolamento e de cuidados com os doentes. Os países também estão a tirar lições de epidemias anteriores para envolver as comunidades, comunicar os riscos e adaptar abordagens locais e inovadoras para criar uma abordagem africana para se defender contra a pandemia. Durante a crise do ebola na África Ocidental, uma das principais causas da rápida propagação da doença foi a desconfiança do governo, que afetou a cooperação pública. A colaboração com as forças de paz locais, membros de confiança e respeitados na comunidade, criou o ambiente certo onde a população local podia colaborar com os trabalhadores de saúde e instituições governamentais. Outra lição aprendida é a importância da divulgação de informações claras sobre a doença e a forma como se propaga para evitar rumores, especialmente em áreas remotas.

Com a digitalização já a transformar as economias africanas de importantes formas, a maioria dos países africanos também utilizou ativamente as tecnologias digitais para passar para transações sem numerário, por exemplo, através da utilização de serviços móveis para a movimentação de dinheiro (Mobile Cash) na África Oriental, o que tem ajudado a reduzir o risco de propagação. Na Etiópia e no Senegal, as *startups* tecnológicas¹⁰ estão a utilizar a impressão em 3D para desenvolver escudos faciais e válvulas de ventilação. A África do Sul está a utilizar telemóveis para rastrear contatos, uma vez que também se abrem oportunidades para a tele-saúde.

Além disso, os atores da sociedade civil africana e o setor privado estão a formar parcerias sem precedentes para combater

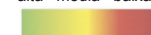
a doença. Na Nigéria, a Coligação contra a COVID-19 reuniu bancos locais para mobilizar recursos para apoiar a proteção social e a compra de equipamentos de proteção individual (EPIs). A iniciativa Influenciadores Africanos para o Desenvolvimento, apoiada pelo PNUD, reuniu profissionais médicos, financeiros, logísticos, de produção e muito mais. Os voluntários tecnológicos da diáspora etíope estão a trabalhar com o governo para desenvolver ferramentas de rastreio de contatos, campanhas de informação e recolha de dados. Os líderes dos fundos soberanos e de

pensões africanos anunciaram colaboração na cadeia de abastecimento e apoio ao comércio através da digitalização, especialmente nos setores da saúde e da agricultura. A Ethiopian Airlines reformou 31 ventiladores para o Ministério da Saúde e está prestes a lançar a produção de ventiladores com parceiros estrangeiros. Os “voos solidários” da ONU, liderados pela OMS, o Programa Mundial para Alimentação (PMA), a União Africana e o CDC África, estão a fornecer o equipamento médico urgentemente necessário a todas as nações africanas na luta contra a COVID-19.

Gráfico 2

Nível de preparação dos países da África Subsaariana para a COVID-19

Nível de preparação:
alta média baixa



País	Class. por IDH	Desenvolvimento Humano			Sistema de Saúde			Conectividade		
		Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (valor), 2018	IDH Ajustado à Desigualdade (IDHAD) (valor), 2018	Desigualdade do IDH (IDHAD) (por cento), 2018	Médicos (por 10.000 pessoas), 2010-2018	Enfermeiros e parteiras (por 10.000 pessoas), 2010-2018	Leitos hospitalares (por 10.000 pessoas), 2010-2018	Atuais despesas de saúde (% do PIB) de 2016	Assinaturas de telefonia móvel (por 100 pessoas) 2017-18	Assinaturas de banda larga fixa (por 100 pessoas), 2017-18
Seicheles	62	0.801	-	-	9.5	33	36	3.9	184.3	20.3
Maurício	66	0.796	0.688	13.6	20.2	34	34	5.7	151.4	21.6
Botsuana	94	0.728	-	-	3.7	33	18	5.5	150	1.8
África do Sul	113	0.705	0.463	34.4	9.1	35	-	8.1	153.2	1.9
Gabão	115	0.702	0.544	22.5	3.6	26	63	3.1	138.3	1.4
Cabo Verde	126	0.651	-	-	7.7	12	21	5.2	112.2	2.9
Namíbia	130	0.645	0.418	35.3	3.7	28	27	9.1	112.7	2.5
São Tomé e Príncipe	137	0.609	0.507	16.8	3.2	23	29	6	77.1	0.7
Congo	138	0.608	0.456	25	1.2	17	-	4.6	98.9	0
Reino de Essuatíni	138	0.608	0.430	29.3	0.8	20	21	7.7	93.5	0.7
Gana	142	0.596	0.427	28.3	1.8	12	9	4.4	137.5	0.2
Zâmbia	143	0.591	0.394	33.4	0.9	9	20	4.5	89.2	0.2
Guiné Equatorial	144	0.588	-	-	4.0	5	21	3.4	45.2	0.1
Quênia	147	0.579	0.426	26.3	2.0	15	14	4.5	96.3	0.7
Angola	149	0.574	0.392	31.7	2.1	-	-	2.9	43.1	0.4
Camarões	150	0.563	0.371	34.1	0.9	9	13	4.7	69.1	0.1
Zimbábue	150	0.563	0.435	22.8	0.8	12	17	9.4	89.4	1.4
Comores	156	0.538	0.294	45.3	1.7	9	22	7.6	59.9	0.2
Ruanda	157	0.536	0.382	28.7	1.3	8	16	6.8	78.9	0.1
Nigéria	158	0.534	0.349	34.6	3.8	15	-	3.6	88.2	0
República Unida da Tanzânia	159	0.528	0.397	24.9	0.4	4	7	4.1	77.2	1.5
Uganda	159	0.528	0.387	26.7	0.9	6	5	6.2	57.3	0
Mauritânia	161	0.527	0.358	32.1	1.8	10	-	4.2	103.7	0.3
Madagáscar	162	0.521	0.386	25.8	1.8	1	2	6	40.6	0.1
Benim	163	0.520	0.327	37.1	1.6	6	5	3.9	82.4	0.2
Lesoto	164	0.518	0.350	32.5	0.7	7	-	8.1	113.8	0.3
Costa do Marfim	165	0.516	0.331	35.7	2.3	9	-	4.4	134.9	0.7
Senegal	166	0.514	0.347	32.5	0.7	3	3	5.5	104.5	0.8
Togo	167	0.513	0.350	31.7	0.5	3	7	6.6	77.9	0.3
Malawi	172	0.485	0.346	28.7	0.2	3	13	9.8	39	0.1

SEÇÃO 3:

Impacto da COVID-19 na África - Riscos e Oportunidades

IMPACTO HUMANO

Enquanto países africanos tem respondido decisivamente à pandemia, e os números de casos e mortes são por enquanto relativamente baixos, a magnitude do desafio e das vulnerabilidades subjacentes do continente não pode ser subestimada. Até o dia 18 de maio de 2020, o vírus infectou 4.6 milhões de pessoas e tomou 311.847 vidas em todo o mundo. Os valores correspondentes para a África nessa data foram de 84.183 casos e 2.739 mortes.¹¹ Muitos países africanos (75%) têm registrado menos de 1.000 casos, enquanto a África do Sul sozinha reportou quase duas vezes mais casos do que os 35 países com menor número de mortes combinados (veja Gráfico 3).

O baixo número de casos relativos à outras regiões tem suscitado esperanças de que os países africanos possam estar poupados do pior da pandemia, mas é necessário cautela. A doença ainda não é totalmente compreendida. A capacidade mínima para testar e reportar casos pode significar que os números oficiais não fornecem um quadro completo do número de casos da COVID-19 na África. A OMS estima que a pandemia poderia matar entre 83.000 e 190.000 pessoas em 47 países africanos no primeiro ano. A taxa de mortalidade dependeria em grande medida das respostas individuais dos governos. A OMS afirmou que o vírus e seu

impacto poderiam ficar “latentes” por vários anos.¹²

3.1. IMPACTOS SOCIAIS¹³ E ECONÔMICOS

A África será duramente atingida pelos impactos sociais e econômicos projetados ao médio e ao longo prazo da pandemia. O Gráfico 4 ilustra estes efeitos no contexto africano. A queda no PIB poderia resultar em economias estagnadas e exacerbar as desigualdades estruturais históricas presentes na maioria das economias africanas.

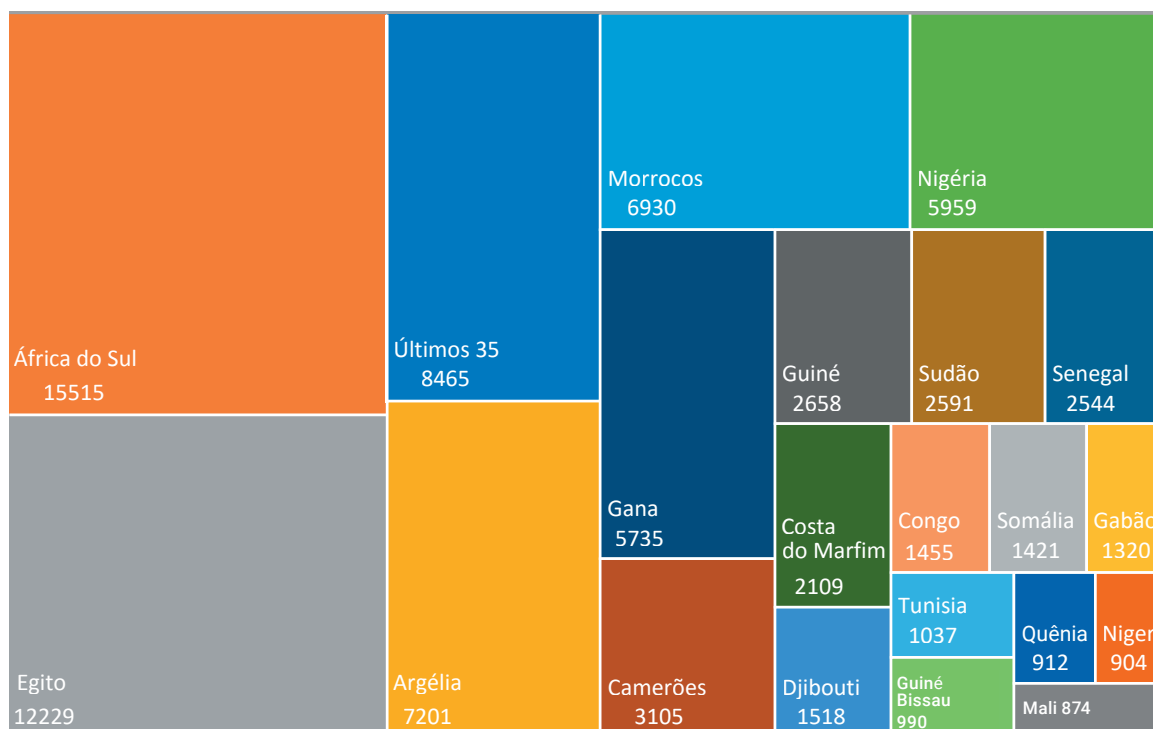
Em muitos países africanos, a maioria das pessoas ganha o seu sustento através da economia informal com pouca segurança contra inesperadas interrupções. Ao mesmo tempo, muitas empresas formais, especialmente as pequenas empresas, estão a esgotar suas reservas para se sustentarem. Ao longo do tempo, nós poderíamos ver uma recessão e uma completa crise financeira. Medidas de recuperação econômica tipicamente acontecem depois de desencadeamento de crises e desafios humanitários têm recebido alguma atenção. Esta abordagem não funcionará com a COVID-19, pois o desemprego, a perda de empregos e a diminuição da riqueza (desmembramento de ativos) começaram a acontecer muito cedo, antes mesmo dos impactos na saúde.

11 Compilados com base em dados do Painel da OMS sobre COVID-19 [acessado em 18 de maio de 2020].

12 <https://www.afro.who.int/news/new-who-estimates-190-000-people-could-die-covid-19-africa-if-not-controlled>

13 Estes foram detalhados em resumos de políticas anteriores: Relatório do Secretário-Geral, “Responsabilidade Compartilhada, Solidariedade Global: Respondendo aos impactos socioeconômicos da COVID-19”, 19 de março de 2020; Resumo de políticas do Secretário-Geral, “O Impacto da COVID-19 sobre as Mulheres”, 9 de abril de 2020; Política Geral do Secretário-Geral, “O Impacto da COVID-19 sobre a Criança”, 15 de abril de 2020; Resumo de políticas do Secretário-Geral, “O Impacto da COVID-19 sobre Pessoas Idosas”, 1 de maio de 2020”.

Gráfico 3. CASOS REPORTADOS DE COVID-19 NA ÁFRICA EM 18 DE MAIO DE 2020)



Fonte: PNUD África¹⁴

Gráfico 4. ILUSTRAÇÃO DAS CONSEQUÊNCIAS DA COVID-19 NA ÁFRICA

	Efeitos de primeira ordem	Efeitos de segunda ordem	Efeitos de terceira ordem
Econômico	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Queda do PIB ▶ Piora da Balança comercial ▶ Perdas de emprego e meios de subsistência ▶ Esgotamento de riqueza ▶ Aumento dos custos da saúde e despesas relacionadas 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Cadeias de valor domésticas colapsam ▶ Atividade econômica estagnada ▶ Aumento de atividade não formal 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Recessão ▶ Crise de débito ▶ Dificuldades financeiras
Social	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Perda de vidas ▶ Gastos sociais reduzidos ▶ Impacto desproporcional sobre os grupos vulneráveis ▶ Serviços sociais interrompidos 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Privação generalizada ▶ Insatisfação social ▶ Colapso dos serviços sociais 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Aumento de desigualdades ▶ Desenvolvimento Humano ▶ Perdas ▶ Grupos vulneráveis vitimados ▶ Conflitos sociais
Político	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Respostas politizadas 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Desgaste da confiança ▶ Politização da aplicação da lei 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Instabilidade política ▶ Violência política

Fonte: ECA 2020

14 Compilados com base em dados da CDC África.

I. IMPACTO NA SAÚDE PÚBLICA

Aproximadamente, 600 milhões de africanos (43,6%) vivem em áreas urbanas, dos quais 56% vivem em assentamentos informais. Muitos desses agregados familiares urbanos vivem em um único aposento (71% em Kampala), não dispõem de água potável (80% em Lagos) ou estão situados em bairros superpopulosos (a densidade em Joanesburgo é de 9.000 km²). Apenas 34% da população africana tem acesso à instalações para a lavagem das mãos.¹⁵ Sistemas de saúde frágeis e a prevalência de condições de saúde subjacentes, como HIV/AIDS, tuberculose, malária e desnutrição, assim como os desafios para afirmar autoridade sobre grupos armados, retratam partes do continente particularmente suscetíveis ao contágio. A pandemia amplificou a desigualdade de gênero, prejudicando ainda mais as mulheres a obterem acesso a serviços e a sistemas de saúde e de informação.

A África, com apenas 16% da população mundial e 26% do ônus das doenças, contou com menos de 2% de quase US\$ 9.7 trilhões do gasto global com saúde em 2015.¹⁶ Seus sistemas de saúde têm alta propensão ao colapso perante o rápido avanço da doença. Em muitas nações africanas, há carência

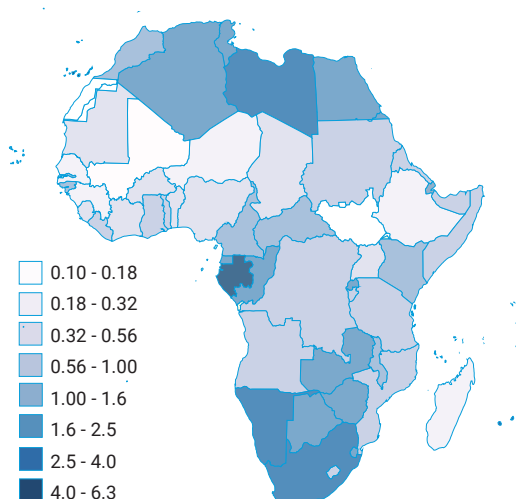
de médicos (0,2/1.000 habitantes), de leitos hospitalares (1,8/1.000) e de infraestrutura de saúde mínima para combater a pandemia. Vinte e três países em particular poderão enfrentar um alto risco de mortalidade causada pela COVID-19 devida à falta de leitos hospitalares (menos de 2/1.000 habitantes) e altas taxas de letalidade por doenças infecciosas e respiratórias (3 a 8 mortes/1.000 habitantes). Porque a pandemia evidencia a carência dos já frágeis sistemas de saúde na África, é de vital importância assegurar que os serviços de saúde existentes estejam protegidos, e não somente reconicionados, contra a COVID-19.

O baixo acesso a suprimentos e equipamentos relacionados à COVID-19, como kits de teste, EPIs, respiradores e medicamentos poderão arrasar sistemas de saúde.

A ruptura das cadeias de distribuição e tarifas de importação são uma ameaça real, já que a maioria das nações africanas dependem do restante do mundo para a maioria de suas necessidades farmacológicas (94%).¹⁷ Até o atual 24 de abril, 80 países impuseram restrições para a exportação de equipamentos e suprimentos essenciais para o combate à COVID-19 (respiradores, EPIs).¹⁸ Vários esforços estão sendo direcionados para

IMAGEM 1

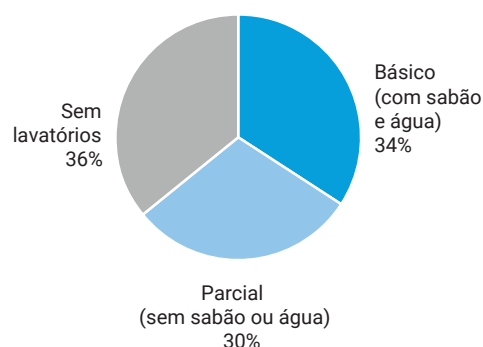
Leitos hospitalares por 1.000 habitantes



Fonte: Index Mundi, 2020 (www.indexmundi.com)

IMAGEM 2

Acesso à instalações sanitárias



Fonte: Baseado nos dados sobre água, saneamento e higiene (WASH em sua sigla em inglês) da OMS/UNICEF, 2017

15 ECA 2020: COVID-19 na África – Protegendo Vidas e Economias

16 Saúde e Crescimento Econômico na África

17 ECA 2020: COVID-19 na África – Protegendo Vidas e Economias

18 <https://www.weforum.org/agenda/2020/04/wto-report-80-countries-limiting-exports-medical-supplies/>

converter fábricas e indústrias para produzir esses equipamentos. Estimular esses esforços em fábricas e instalações africanas é essencial para que as inovações obtidas durante a COVID-19 durem para além da pandemia, e também possibilitem respostas eficientes a futuras eventualidades e garantam a diversificação e a expansão das atividades econômicas.

O acesso confiável à energia é essencial para a distribuição de serviços médicos, incluindo aqueles relacionados à iluminação, refrigeração e esterilização.¹⁹ Durante a crise da COVID-19, soluções de energias renováveis descentralizadas são meios comprovadamente sustentáveis, limpos e confiáveis para alimentar centros de isolamento e espaços hospitalares na África

QUADRO 2: RECOMENDAÇÕES PARA A SAÚDE

Suprimentos de saúde:

- ▶ De imediato, suspensão de tarifas para todos os produtos de saúde essenciais. Para aplacar a grande dependência na importação de farmacêuticos, é considerado estimular capacidades domésticas de produção, incluindo por meio de cooperação intra-africana e sul-sul, além de outras parcerias externas.
- ▶ Reavaliar e re-estruturar cadeias de valor e de fornecimento, enquanto se foca nas necessidades emergenciais, incluindo EPIs, e materiais de diagnósticos e clínicos. O Portal de suprimento para a COVID-19 foi estabelecido para facilitar o pedido de suprimentos críticos.

Pesquisa e inovação

- ▶ Colaborações de apoio entre universidades técnicas e médicas africanas e fabricantes locais para inovar e construir equipamentos médicos críticos, como respiradores, inclusive fornecendo-se impressoras 3D.²¹ Recondicionar cadeias de produção para solucionar carências no suprimento de produtos essenciais, como os EPIs.
- ▶ Criar plataformas (ou aperfeiçoar aquelas pré-existentes) para a troca de conhecimentos e capacidades, estímulo cruzado de ideias, iniciativas conjuntas e pesquisa colaborativa.
- ▶ África, através do CDC África, a ser mais incluída nos esforços atuais para desenvolver vacinas ou tratamento médico para a COVID-19. Quando esses surgirem, é de suma importância que a África tenha igual acesso a eles.

Capital Humano

- ▶ Estimular o envolvimento de profissionais de saúde, baseado em experiências anteriores. Comunidades formadas por membros da diáspora poderiam estruturar um sistema rotativo de plantões de voluntários para aliviar a carência de profissionais de saúde, especialmente enfermeiros de assistência crítica, anestesistas e técnicos de respiradores.

Gerenciamento de dados

- ▶ Desagregar e analisar os dados do surto e da recuperação por sexo, idade, local e deficiência para se estabelecer relações entre desigualdades e diferenças de gênero na exposição e tratamento como um primeiro passo essencial para o apoio eficaz a grupos marginalizados. Como enfatizado pelo Resumo de Políticas sobre o Impacto da COVID-19 sobre mulheres, deixar de desagregar dados por sexo ou de fazer análise de gênero podem ambos desconsiderar oportunidades importantes para acelerar a recuperação, e aumentar o risco de efeitos negativos. Atualmente, dados desagregados por sexo e por idade estão disponíveis para 20% dos infectados.²²

¹⁹ "Eletrificação de clínicas de saúde em áreas rurais: Desafios e Oportunidades", Welland Alicia, Smart Villages 2017.

²⁰ <https://covid-19-response.org>

²¹ <https://www.timesofisrael.com/israeli-innovators-want-to-help-africans-breathe-through-covid-19/> ; <https://techxplore>.

²² OMS, Escritório Regional para a África. 2020. COVID-19: Relatório Situacional Externo 9

II. IMPACTO ECONÔMICO

A pandemia da COVID-19 começou a gerar impacto nas economias africanas e a destruir os meios de subsistência bem antes de desembarcar no continente. Entre os fatores estavam: demanda decrescente de commodities africanas, saída de capital da África, o colapso virtual do turismo e do transporte aéreo associado ao isolamento e o fechamento de fronteiras, e a desvalorização de moedas locais ocasionada pela deterioração de sua situação financeira.

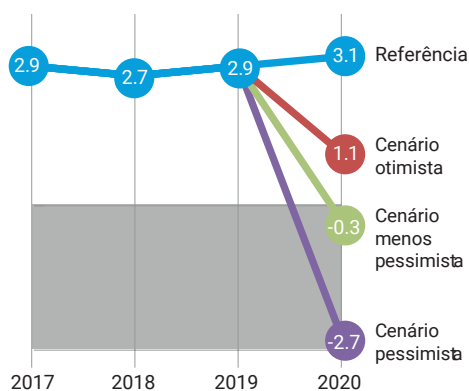
Os países africanos não podem aguardar que o vírus seja contido para que sejam implantados programas de apoio socioeconômicos. O número significativo de trabalhadores do setor informal (85,8% da força de trabalho²³) não conseguirão obedecer às regras de distanciamento social e às orientações para ficar em casa sem consequências severas às suas vidas e aos seus meios de subsistência. Os trabalhadores teriam que decidir entre se proteger do vírus ou garantir seu alimento. Além disso, quase 90% das mulheres empregadas na África trabalham no setor informal, sem qualquer segurança social. Lares chefiados por mulheres se encontram particularmente em risco.

O comércio regido pela Área de Livre Comércio Continental Africana (AfCFTA em sua sigla em inglês), que se iniciaria em julho de 2020, foi adiado pela pandemia, atrasando a promessa de novas oportunidades de exportação, emprego, investimentos em infraestrutura e financiamentos para o desenvolvimento da África. Enquanto as negociações para a AfCFTA estão em espera, existe uma oportunidade para as nações africanas analisarem o impacto em potencial desse atraso prolongado e criarem uma base técnica para a sua implementação.

Como no restante do mundo, as companhias aéreas africanas, que apoiam a 6.2 milhões de pessoas, e o turismo, que representa uma parcela significativa do PIB dos Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (SIDS em sua sigla em inglês²⁴), foram abruptamente interrompidos.²⁵ Os desafios de financiamento resultantes provavelmente atingirão o resto das economias, com o aumento do risco de atraso no pagamento de empréstimos. Isto não somente tem tido um forte impacto na crise do turismo e das linhas aéreas africanas, mas também representa um golpe na infraestrutura institucional que conecta o continente, construída ao longo de duas décadas. Governos, bolsas de valores e

IMAGEM 3

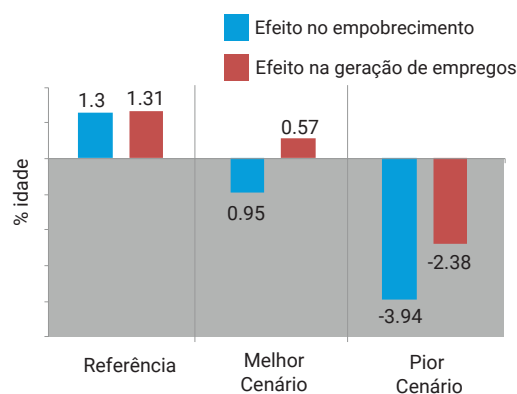
Projeção de retração no crescimento real do PIB



Fonte: Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (ECA)

IMAGEM 4

Impacto da queda do crescimento na pobreza na geração de empregos



Fonte: Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (ECA)

23 OIT, 2018: "Mulheres e homens na economia informal: um retrato estatístico".

24 De acordo com a UNCTAD, Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (SIDS em sua sigla em inglês) são os mais vulneráveis ao colapso do turismo, uma vez que o setor representa cerca de 30% do PIB desses países. Essa proporção representa mais de 50% do PIB de Seicheles. Um declínio de 25% no lucro do setor de turismo resultará numa queda de US\$7.4 bilhões ou 7.3% no PIB dos SIDS.

25 South African Airways está à beira do colapso, Ethiopian Airlines perdeu cerca de US\$550 milhões até o início de abril, Air Mauritius sob administração voluntária e a RwandAir cortou entre 8% e 65% dos salários, respectivamente para os funcionários menores renumerados com salários mais altos.

instituições financeiras internacionais poderiam explorar como fornecer apoio para garantir sustentabilidade e liquidez nesses setores, inclusive por meio de garantias de empréstimos ou suspensão temporária de taxas.

As remessas ao exterior, uma importante renda primária ou complementar para inúmeros lares na África, têm projeções de declínio com forte impacto em países como Comoros, Gâmbia, Lesoto, Libéria e Somália, onde essas remessas representam mais de 10% do PIB. O Banco Mundial estima que os países da África Subsariana testemunharão uma queda de 23.1% nestas remessas. Na Somália, as remessas, que somam US\$1.4 bilhões por ano²⁶ e representam a maior categoria de apoio financeiro externo, decaíram vertiginosamente. Atualmente, a África Subsariana tem uma das maiores taxas para remessas, com uma taxa de 9.1% em média por transação.

O resultado combinado da crise levou a depreciação de taxas de câmbio e das projeções para os PIBs do continente. A Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (ECA) projeta uma taxa de crescimento de 1.1% em 2020 no melhor cenário e uma retração de -2.6% no pior cenário, privando 19 milhões de pessoas de seus meios de subsistência e, no contexto de programas de proteção social já debilitados, levando mais 29 milhões de pessoas para pobreza. Nações exportadoras de petróleo

poderiam perder até US\$65 bilhões em renda, haja vista a continuação da queda dos preços do petróleo bruto.

III. PESO DA DÍVIDA - DÉBITOS FISCAIS SEM PRECEDENTES ENTRE ORÇAMENTOS JÁ RESTRITOS

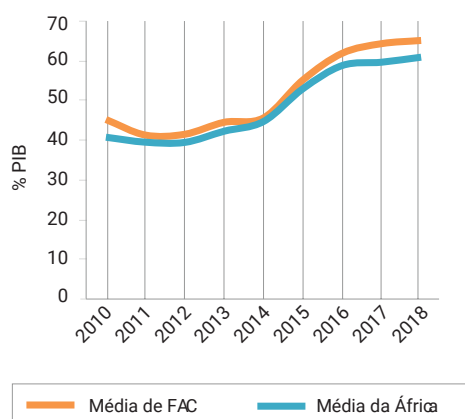
Na África, a proporção média entre dívidas e PIB aumentou de 39.5% em 2011, para 61.3% em 2019. O alto peso da dívida é parcialmente resultante de empréstimos comerciais para financiar a grande lacuna de financiamento em infraestrutura do continente, estimado entre US\$68 bilhões e US\$108 bilhões - equivalente a cerca de 3 a 5% do PIB de todo o continente.²⁷

Além disso, a maioria dos países africanos carece de espaço fiscal para responder adequadamente à crise devido às baixas taxas de poupança doméstica; baixos níveis de mobilização de recursos; alto fluxo de recursos financeiros ilícitos; fuga de capitais; preços voláteis de commodities; altos déficits fiscais e estagnação da assistência oficial ao desenvolvimento (AOD) e fluxos de Investimentos Estrangeiros Diretos (IED). (Veja as imagens 5 e 6).

Ministros de Finanças africanos e da União Africana solicitaram a parceiros de desenvolvimento o fornecimento de US\$ 100 bilhões, incluindo US\$ 44 bilhões para o alívio

IMAGEM 5

Aumento da dívida externa em relação ao PIB



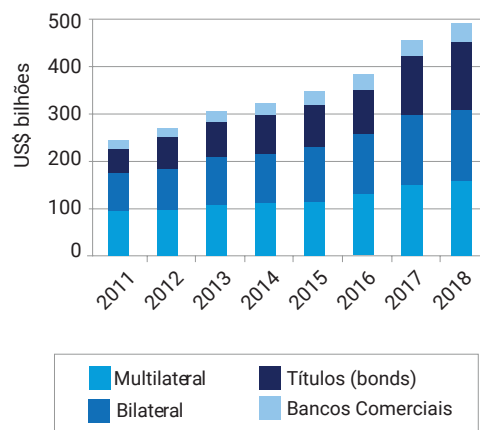
Nota: FAC significa países Frágeis e Afetados por Conflitos

26 <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/Remittances%20and%20Vulnerability%20in%20Somalia%20by%20Nisar%20Majid%20-%20RVI%20Briefing%20%282018%29.pdf>

27 Odusola, A.F. 2018. Investir na África é uma bom negócio e uma estratégia corporativa sustentável, Africa Renewal.

IMAGEM 6

Parte crescente de empréstimos comerciais



Fonte: Cálculos da ECA baseados em dados do Banco Mundial

da dívida²⁸ visando apoiar os sistemas de saúde, proteger empregos e prover sistemas de segurança social para grupos vulneráveis. O Secretário-Geral das Nações Unidas solicitou mais de US\$ 200 bilhões para a África como parte de um pacote abrangente de resposta global, bem como a paralisação de cobrança de dívida externa, opções para a sustentabilidade da dívida e soluções para questões estruturais na arquitetura da dívida internacional.²⁹ Credores oficiais mobilizaram cerca de US\$57 bilhões para a África até o momento, incluindo cerca de US\$18 bilhões oriundos do FMI e do Banco Mundial.³⁰ O apoio de credores privados

em 2020 pode chegar a um valor estimado de US\$13 bilhões.³¹ Além disso, os países do G20 decidiram suspender o pagamento da dívida para países com baixo rendimento de 1º de maio de 2020 até o final do mesmo ano.³² O FMI também forneceu alívio da dívida para 19 países africanos.³³ Ademais, países como Estados-Membros da UE, EUA e China, ofereceram apoio tanto a países individuais quanto ao continente como um todo. Esse apoio é crucial, mas medidas adicionais consideráveis, inclusive pelos credores, que são proporcionais à natureza excepcional da crise, serão necessárias.

QUADRO 3: RECOMENDAÇÕES PARA QUESTÕES ECONÔMICAS E RELACIONADAS À DÍVIDA

ALÍVIO IMEDIATO E PROTEÇÃO SOCIAL:

- ▶ Ampliar as medidas para proteger os meios de subsistência, inclusive através de empréstimos, garantias e incentivos fiscais para grandes, pequenas e médias empresas. Pacotes de estímulo que adotem uma abordagem de “pessoas em primeiro lugar” para atingir também o setor informal, mulheres e outros grupos vulneráveis, inclusive por meio da expansão de medidas de proteção social e uma combinação de instrumentos reguladores e financeiros.
- ▶ Apoio a setores-chave, como o turismo e a indústria aérea africana, para garantir sua sustentabilidade e liquidez, inclusive por meio de garantias de empréstimos e isenção temporária de impostos.
- ▶ Apoio suplementar dos parceiros de desenvolvimento para mobilizar US\$100 bilhões a fim de financiar um fundo de saúde de US\$15 bilhões e fornecer apoio orçamentário de emergência. O fundo seria usado para obter os materiais necessários para salvar vidas, compartilhar e promover pesquisas, por meio da OMS e do CDC África, fornecer vacinas e produzir equipamentos e suprimentos de saúde.
- ▶ Reduzir o custo das taxas de remessa para quase zero e, no mínimo, para 3%, conforme exigido no ODS 10.³⁴

ALÍVIO DA DÍVIDA

- ▶ Paralisação da cobrança da dívida para os países africanos, seguida pela reestruturação da dívida, a fim de liberar os recursos necessários para responder à pandemia e às suas consequências. Isso deve ser complementado com o aumento de recursos das agências multilaterais de empréstimos, inclusive por meio do aumento dos Direitos de Saque Especiais do FMI, para apoiar a implementação das medidas de contenção da COVID-19 e fornecer liquidez aos países africanos no decorrer dos próximos dois anos.
- ▶ Maior flexibilidade no gerenciamento de contas de capital, conforme necessário, para garantir que o financiamento fornecido através do alívio da dívida ajude a estabilizar a situação financeira.

28 https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief_on_debt_relief_and_covid_april_2020.pdf

29 Secretário-Geral da ONU, 17 de abril de 2020 – Discurso na reunião virtual de alto nível do FMI / Banco Mundial, Mobilizando-se com a África (<https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2020-04-17/secretary-generals-remarks-virtual-imfworld-bank-high-level-meeting-mobilizing-africa-delivered>)

30 <https://www.imf.org/en/News/Articles/2020/04/17/pr20168-world-bank-group-and-imf-mobilize-partners-in-the-fight-against-covid-19-in-africa>

31 <https://www.imf.org/en/News/Articles/2020/04/17/pr20168-world-bank-group-and-imf-mobilize-partners-in-the-fight-against-covid-19-in-africa>

32 [https://g20.org/en/media/Documents/G20_FMFCBG_Communicu%C3%A9_EN%20\(2\).pdf](https://g20.org/en/media/Documents/G20_FMFCBG_Communicu%C3%A9_EN%20(2).pdf)

33 Benin, Burkina Faso, República Centro-Africana, Chade, Comoros, República Democrática do Congo, A Gambia, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Madagascar, Malawi, Mali, Moçambique, Níger, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Sierra Leoa e Togo. <https://www.imf.org/en/News/Articles/2020/04/13/pr20151-imf-executive-board-approves-immediate-debt-relief-for-25-countries>

34 Fórum Econômico Mundial, 2018: “Reduzir as taxas de transferência de dinheiro pode liberar US\$15 bilhões para países em desenvolvimento”.

IV. UMA CRISE ALIMENTAR

Está ficando claro que um impacto ao curto prazo dessa pandemia será um aumento dramático na insegurança alimentar e interrupções potencialmente devastadoras na cadeia global de suprimentos alimentares.³⁵ É provável que a África seja profundamente impactada. Apesar de seus recursos agrícolas, a África importa mais produtos agrícolas e alimentares do que exporta, com dez alimentos básicos representando 66% (US\$46 bilhões) do total de importações de alimentos da África. Se não houver controle, é provável que a atual crise econômica se transforme em uma grave crise alimentar, com possíveis implicações para a paz e a segurança. Vários grandes exportadores de cultivos básicos

impuseram restrições à exportação de arroz e trigo. Essas medidas podem aumentar a insegurança alimentar na África e resultar em um forte aumento nos preços dos alimentos, na fome e na desnutrição. Espera-se que cada queda percentual no PIB global resulte em 0,7 milhão de crianças com problemas de crescimento.³⁶ Juntamente com a pandemia, uma segunda onda da praga de gafanhotos-do-deserto está ameaçando a África Oriental com estimativas de que será 20 vezes pior do que a onda de fevereiro que atingiu oito países da região e foi o pior surto em 70 anos. Juntos, eles representam uma ameaça alarmante à segurança alimentar e aos meios de subsistência no Chifre da África.

QUADRO 4: RECOMENDAÇÕES PARA A SEGURANÇA ALIMENTAR

- ▶ Concentrar-se nos riscos mais agudos, fortalecer os sistemas de proteção social e proteger o acesso aos alimentos para os grupos mais vulneráveis, especialmente para crianças pequenas, mulheres grávidas e que amamentam, idosos e outros grupos de risco.
 - Liberar alimentos das reservas governamentais de grãos para combater a potencial escassez de alimentos.
 - Aplicar políticas anti-acumulação e contra manipulação de preços de alimentos e outros bens essenciais por meio de medidas como linhas telefônicas diretas de informantes.
 - Estabelecer bancos de alimentos nas principais cidades e outras áreas afetadas e criar mecanismos para identificar os necessitados e mobilizar e receber doações (monetárias ou em espécie) de fontes locais e da diáspora.
- ▶ Designar o setor agrícola como uma atividade econômica essencial que deve continuar independentemente das restrições de emergência relacionadas à pandemia.
 - Além de apoiar a capacidade dos pequenos agricultores de aumentar a produção de alimentos e manter liquidez suficiente, concentrar-se em medidas urgentes para reduzir a perda pós-colheita por meio de métodos aprimorados de armazenamento para os principais alimentos.
 - Estabelecer e proteger corredores de suprimento de alimentos (para coleta, transporte e distribuição aos mercados), especialmente para países insulares e sem litoral.
 - Medidas, como redução temporária de IVA (imposto sobre valor acrescentado) e outros impostos sobre alimentos, devem ser incentivadas a manter os preços dos alimentos acessíveis.
- ▶ Parceiros de desenvolvimento da África devem facilitar as restrições de exportação existentes, incluindo proibições de exportação de alimentos.

³⁵ https://www.fsinplatform.org/sites/default/files/resources/files/GRFC_2020_ONLINE_200420.pdf

³⁶ Resumo de Políticas da ONU para a segurança alimentar e a COVID-19 (a ser publicado).

V. EDUCAÇÃO

O fechamento prolongado das escolas em todos os níveis, combinado com dificuldades econômicas generalizadas, corre o risco de minar aspirações e potenciais e aumentar as desigualdades. Na África Subsaariana, quase 90% dos estudantes não têm acesso à computadores domésticos e 82% não conseguem se conectar à internet. O fechamento das escolas deixou mais de 330 milhões de alunos de todos os níveis e mais de 8.5 milhões de professores, incapazes de aprender ou ensinar em casa.³⁷ Enquanto os telefones celulares podem ajudar jovens estudantes, cerca de 56 milhões vivem em áreas que não são atendidas pelas redes móveis, e os números de acesso são consistentemente piores quando tomamos em conta meninas e mulheres.³⁸ Mesmo onde há computadores, o fornecimento de energia não confiável e a má conexão à Internet, juntamente com os custos financeiros, prejudicam o impacto de tais investimentos. O aumento do alcance da Internet pode diminuir a lacuna no acesso à educação por meio de aprendizado contínuo e fornecer uma fonte vital de informação e conscientização sobre a pandemia.³⁹

QUADRO 5: RECOMENDAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

- ▶ Fortalecer a infraestrutura de energia, o acesso à Internet e o uso da tecnologia na educação, inclusive explorando oportunidades de custo reduzido com a mídia de massa (especialmente rádio) e provedores de telecomunicações móveis para criar ou expandir o acesso a plataformas de ensino à distância / on-line.

3.2 IMPACTOS NA PAZ E SEGURANÇA

Até o momento, muitos países africanos administraram os riscos políticos associados às medidas para responder à pandemia. A oposição a bloqueios e outras medidas restritivas tem sido esporádica e as tensões políticas em torno das eleições até agora têm sido mantidas sob controle. Em alguns países, o contexto da COVID-19 fortaleceu o diálogo político entre atores nacionais e a mobilização em toda a sociedade para apoiar os planos nacionais de resposta. No entanto, a suspensão prolongada da atividade econômica crítica; medidas de emergência continuadas, em alguns casos, violações de direitos humanos associadas; processos eleitorais e transições políticas atrasados; bem como as desigualdades no acesso à alimentos e à serviços básicos que afetam desproporcionalmente os pobres e outros grupos vulneráveis, incluindo mulheres e meninas, bem como crianças envolvidas em conflitos; em alguns contextos, podem provocar inquietação, (re)inflamar conflitos ou perturbar frágeis processos de paz. Portanto, os riscos políticos associados à pandemia requerem monitoramento e gerenciamento rigorosos por atores nacionais e regionais.

O vírus pode atacar mais fortemente em países com conflitos em curso ou com frágeis transições políticas. À medida que a pandemia avança, é provável que não apenas passemos a testemunhar uma mudança na dinâmica em vários conflitos, mas também uma possível deterioração das relações da ONU com as partes em conflito e comunidades. Apesar dos esforços para construção da paz nas últimas décadas; violência e conflitos, às vezes exacerbados pelo terrorismo e pela disseminação do extremismo violento, organizações criminosas transnacionais e instituições fracas continuam a representar um desafio em algumas áreas e inevitavelmente complicarão os esforços para combater o vírus. Da mesma forma, lacunas na autoridade estatal e desrespeito aos embargos de armas, ainda estão presentes em algumas partes do continente. Grupos criminosos se tornaram mais ativos na busca de novas rotas e métodos

³⁷ UNESCO. Impacto da COVID-19 na educação. Disponível online: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse> on 20 April 2020.

³⁸ <https://news.un.org/en/story/2020/04/1062232>

³⁹ A UNESCO publicou uma lista de recursos para o aprendizado móvel / de baixa tecnologia: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse/>

para o tráfico de drogas e bens ilícitos, bem como em cooptar possíveis “presas” em detrimento do acréscimo de vulnerabilidades a essas pessoas causadas pela perda de renda.

Em 23 de março, o Secretário-Geral das Nações Unidas pediu um cessar-fogo global para combater a pandemia da COVID-19. Ecoando a iniciativa continental denominada “Silenciando as armas”, o Presidente da Comissão da União Africana, Moussa Faki Mahamat, também pediu um cessar-fogo. Com o avançar da pandemia, o Secretário-Geral também apelou para o fim da escalada de violência direcionada à mulheres e meninas, incluindo a violência doméstica.

Esses esforços produziram alguns resultados preliminares positivos com 17 Estados-Membros em todo o continente, reiterando os apelos.⁴⁰ Grupos armados dos Camarões, do Sudão do Sul e do Sudão, anunciaram cessar-fogo unilateral temporário. No entanto, essas respostas permanecem frágeis e reversíveis. Na Líbia, o anúncio de uma possível trégua humanitária provou ser tênue, pois ambas as partes no conflito continuam suas operações em campo. Nos Camarões, apesar de um dos principais grupos separatistas armados que respondeu positivamente ao apelo do Secretário Geral, notou-se a manutenção da violência. Na Somália, Al-Shabaab intensificou os ataques. Na República Centro-Africana, os pedidos de cessar-fogo não foram totalmente seguidos, com confrontos contínuos resultando em dezenas de mortos.

I. ADAPTANDO A PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA À LUZ DA COVID-19

Em 2020, pelo menos 22 países africanos estão programados para realizar eleições, incluindo nove países onde ocorrerão eleições presidenciais. Vários países já deram seguimento a eleições desde que a OMS declarou a pandemia.⁴¹ Alguns países parecem certos na manutenção dos processos eleitorais conforme planejado, enquanto alguns deliberam a viabilidade dessas frente ao atual cenário.⁴² Finalmente, alguns países já decidiram quanto ao adiamento de tais processos.⁴³

Atrasos podem ser particularmente sensíveis nos países com cenários políticos altamente polarizados ou países sem disposições constitucionais para uma governança provisória. Na Somália, as eleições que ocorrerão até o final do ano denotam um importante marco político. Nessas configurações, um diálogo político inclusive e sustentado pode se tornar uma importante chave para mitigar as tensões em torno das eleições.

Nos países que optam por prosseguir com as eleições, os governos precisarão encontrar um equilíbrio entre realizar eleições credíveis e garantir a eficácia na implementação de medidas preventivas à COVID-19. Consultas amplas às partes interessadas são fundamentais nesse sentido, incluindo autoridades eleitorais e funcionários da saúde pública. Além disso, candidatas mulheres, que frequentemente possuem menos recursos e tempo para gastar em uma campanha, podem ser afetadas desproporcionalmente por eleições adiadas ou por eleições sob condições restritas. Decisões de manutenção ou adiamento de eleições precisam ser inclusivas e devem garantir a participação das mulheres. Os bons-ofícios da ONU e seu apoio técnico à eleições permanecem à disposição dos Estados-Membros.

II. MANTENDO O CURSO DE TRANSIÇÕES POLÍTICAS E DE CONVERSAS DE PAZ

Embora muitos processos africanos de paz tenham continuado apesar das interrupções devido à COVID-19, a pandemia introduz novos riscos que poderiam ameaçar frágeis ganhos, como a liderança das mulheres, a sua participação popular e suas prioridades. Isto é particularmente potente onde acordos de paz e segurança estão sendo negociados, ou em países que implementam transições políticas ou processos de paz, como na República Centro-Africana, Guiné-Bissau, Líbia, Somália, Sudão do Sul e Sudão.

As capacidades Internacional, regional, nacional e local de bons-ofícios, mediação, construção da paz e manutenção da paz

⁴⁰ Angola, Burkina Faso, Burundi, Costa do Marfim, Gana, Guiné, Quênia, Mali, Marrocos, Namíbia, Níger, Nigéria, Nigéria, Senegal, África do Sul, Sudão, Zâmbia, Zimbábue.

⁴¹ Guiné, Mali e Togo realizaram eleições.

⁴² A Costa do Marfim e a Gana estão deliberando a viabilidade de realizar eleições.

⁴³ Etiópia, Gâmbia, Nigéria e Zimbábue.

também são afetadas pela COVID-19. Mediadores e partes tiveram que adiar reuniões e conversas, cancelando eventos diplomáticos essenciais ou outras relações de confiança. No entanto, várias reuniões e cúpulas, como o Comitê Internacional de Acompanhamento de Berlim sobre a Líbia, foram realizadas virtualmente. Outros processos (por exemplo, República Centro-Africana e Sudão) conseguiram mudar para o formato online as suas discussões. Ampliar o uso da tecnologia, criando novas oportunidades para melhorar a inclusão de processos de paz se faz premente. Essas estratégias devem ser alavancadas para garantir a participação total e significativa de mulheres, bem como o engajamento de jovens, culminando na construção de pontes sobre o abismo digital que pode existir entre áreas urbanas e rurais.

Fortalecendo a liderança e a participação significativa das mulheres, incluindo especialmente as trabalhadoras da linha de frente, bem como jovens, em todas as decisões relacionadas à COVID-19 é fundamental. Eles alavancam membros dos seus círculos para fomentar uma ampla gama de métodos de prevenção relacionados à COVID-19, bem como para sustentar o momentum para a implementação de acordos de paz. A inclusão de tais públicos levará a melhores resultados.

III. SUSTENTAR ESFORÇOS PARA CONTER E PREVENIR AMEAÇAS TERRORISTAS”

Em várias partes do continente (principalmente no Sahel, no Chifre da África e na Bacia do Lago Chade) conflitos, terrorismo e disseminação de extremismo violento continuam a ter um pesado preço sob as comunidades. O contexto da COVID-19 ainda complica os esforços para combater o extremismo violento, e os países africanos demandarão apoio reforçado para sustentar esse engajamento concomitante ao enfrentamento de uma pandemia. Picos de ataques, muitas vezes envolvendo o uso de explosivos improvisados, foram observados no Sahel de fevereiro a abril de 2020 - chegando a 1.784 fatalidades por volta de março de 2020 - antes de cair para 726 em abril.

Boko Haram já aumentou seus ataques na região do lago Chade, provocando fortes contra-operações ofensivas dos países na região. No Sahel, terroristas e extremistas

violentos também mantiveram a pressão sobre forças de segurança internacionais, nacionais e locais. O grupo descreveu as orientações de saúde pública do governo como medidas ilegítimas e indicou que se opunha ao fechamento de mesquitas e escolas islâmicas, tornando a população e comunidades sob seu controle particularmente vulneráveis à infecções causadas pelo coronavírus. Ainda, na Somália, Al Shabaab continua seus ataques e, em Moçambique, insurgentes afiliados ao Estado islâmico lançam, em escala mundial sem precedentes, assaltos em Cabo Delgado. Além dos ataques, esses grupos têm instrumentalizado a pandemia, com a propagação de ódio e fundamentalismo, propagando rumores quanto a não letalidade do vírus e oferecendo serviços e proteção em áreas onde o Estado está ausente. Esses ataques têm conseqüências humanitárias negativas com aumento de deslocados internos e refugiados.

IV. IMPACTO NAS CAPACIDADES LOCAIS E INTERNACIONAIS DE APOIO À PAZ E SEGURANÇA

A pandemia está afetando as capacidades de apoiar os esforços de paz e segurança na África, incluindo missões das Nações Unidas e equipes de países e operações lideradas regionalmente⁴⁴, bem como agentes de paz locais. Atualmente, existem sete operações de manutenção da paz das Nações Unidas na África e 17 missões políticas especiais trabalhando sobre questões africanas. Espera-se que a pandemia afete a eficácia operacional das missões das Nações Unidas, por exemplo, através de restrições na rotação de tropas, restrições nas viagens regionais ou ajustes necessários nas práticas operacionais. Apesar dessas restrições, as missões da ONU continuam cumprindo seus mandatos e também estão apoiando os planos de preparação e resposta dos países anfitriões, por exemplo, fornecendo e transportando equipamentos médicos, apoiando a conscientização sobre as medidas de saúde pública por meio de rádios da ONU, trabalhando com parceiros humanitários e outros, bem como apoiando os esforços de coordenação regional.

As presenças de campo da ONU se adaptaram para continuar com o seu trabalho. Por exemplo, elas estão usando cada vez mais

⁴⁴ Por exemplo, a missão liderada pela União Africana na Somália, a Força-Tarefa Multinacional Conjunta na Bacia do Lago Chade e a Força-conjunta G5 do Sahel

a tecnologia para permanecer ativamente engajados com as partes nas negociações de paz assim como com outros atores, enquanto aderem estritamente às medidas do país anfitrião relacionadas à COVID-19, e estão alcançando as comunidades e continuando a proteger os civis, mantendo as regras de distanciamento físico. No entanto, em alguns casos, restrições sobre viagens e sobre reuniões pessoais com parceiros tem inevitavelmente afetado parte da eficácia desses esforços ou a sua percepção sobre eles. Algumas missões estão relatando hostilidade das populações locais, bem como tentativas de usar as Nações Unidas como “bode expiatório” e tentativas de explorar sentimentos anti-ONU.”

3.3. IMPACTO NOS DIREITOS HUMANOS

Abordar a resposta e a recuperação dessa pandemia através de uma lente de direitos humanos levará a melhores resultados para todos, garantindo que os grupos vulneráveis não sejam esquecidos.⁴⁵ Medidas como quarentenas, fechamento de escolas, isolamento e liberdade de movimento limitada, embora necessárias, dada a escala e a gravidade da pandemia, precisam ser excepcionais, proporcionais, temporárias, sujeitas a supervisão e não devem prejudicar a integridade física e a dignidade humana. Casos de uso excessivo da força por funcionários de segurança ao impor medidas de emergência foram documentados em vários países.⁴⁶

Os riscos de violência sexual e baseada no gênero e de graves violações que afetam crianças, inclusive em campos de refugiados e de pessoas deslocadas internamente (IDPs em sua sigla em inglês) e em áreas afetadas por conflitos, aumentaram. Os centros de detenção superlotados em muitos países continuam apresentando desafios de saúde e de direitos humanos, apesar dos esforços de muitos Estados para descongestionar prisões. Passos como os anunciados recentemente pela África do Sul e por outros países para a liberdade condicional e a libertação de populações vulneráveis da detenção são bem-vindos e dão um exemplo positivo.

É crucial que todos os atores redobrem seus esforços para promover responsabilidade, transparência, tolerância, coesão social e inclusão, além de garantir o cumprimento das obrigações de direitos humanos na resposta e recuperação da COVID-19.

Em várias partes do mundo, as teorias de desinformação e de conspiração, avançadas pelas mídias sociais e outras plataformas on-line, alimentaram discursos de ódio contra estrangeiros, refugiados, migrantes, bem como nacionais que retornam aos seus países de origem e aqueles que são testados positivos para o vírus.

O discurso de ódio relacionado à COVID-19 amplia as desigualdades sociais e econômicas subjacentes, inclusive entre homens e mulheres, além de promover a violência e minar a coesão social.

A divulgação de informações precisas, claras e baseadas em evidências e campanhas de conscientização estão entre as ferramentas mais eficazes contra a discriminação, estigmatização e xenofobia, que se alimentam de desinformação e medo.⁴⁷ Governos, mídias públicas e privadas, bem como atores da sociedade civil e usuários de plataformas globais de mídia social são incentivados a agir em colaboração em resposta à COVID-19.

⁴⁵ Resumo de políticas do Secretário-Geral, COVID-19 e os direitos humanos: estamos todos juntos nisso, abril de 2020.

⁴⁶ Resumo de políticas do Secretário-Geral, COVID-19 e os direitos humanos: estamos todos juntos nisso, abril de 2020.

⁴⁷ Ver: Declarações do Secretário-Geral sobre desinformação (4 de maio) e discurso de ódio (8 de maio) no contexto da COVID-19.

QUADRO 6: RECOMENDAÇÕES PARA A PAZ, A SEGURANÇA, A GOVERNANÇA E OS DIREITOS HUMANOS

PAZ, SEGURANÇA E GOVERNANÇA

- ▶ As partes envolvidas nos conflitos devem silenciar suas armas para permitir que a luta contra o vírus continue sem impedimentos, de acordo com os apelos da ONU e da União Africana por um cessar-fogo global e da Iniciativa Silenciando as Armas. As Nações Unidas e seus instrumentos de consolidação e construção da paz estão à disposição de todas as partes para trabalhar em serviço da paz.
- ▶ As decisões relativas aos calendários eleitorais devem ser tomadas de maneira consultiva e inclusiva para mitigar quaisquer tensões que possam surgir devido à COVID-19.
- ▶ As medidas de resposta devem ser sensíveis a conflitos para evitar alimentar a dinâmica de conflitos. Garantir a inclusão e a participação da comunidade na prestação de serviços relacionados à COVID-19, bem como o respeito pelos direitos humanos em todos os aspectos da resposta. Isso inclui o fortalecimento da liderança e participação significativa das mulheres, incluindo as trabalhadoras da linha de frente e os jovens em todas as tomadas de decisão.”
- ▶ É necessário um envolvimento e uma liderança contínuos de atores africanos e globais, particularmente o Conselho de Segurança da ONU e o Conselho de Paz e Segurança da UA, para sustentar o progresso nos principais processos de paz em todo o continente.
- ▶ Ampliar o uso de ferramentas digitais entre as partes negociadoras e aproveitar as oportunidades que elas podem oferecer para melhorar a inclusividade das negociações de paz.
- ▶ Todos os contribuidores de funcionários e de apoio político ou financeiro às operações de paz da ONU e da União Africana devem manter seu compromisso.

DIREITOS HUMANOS

- ▶ Ação contra o discurso de ódio e a estigmatização por líderes políticos, instituições educacionais e empresas de mídia social.”
- ▶ Alternativas à prisão preventiva e à redução ou suspensão temporária de certas sentenças para reduzir novas admissões nas prisões e reduzir o risco de transmissão da COVID-19. Isso será particularmente relevante no caso de delitos menores, incluindo os de natureza não violenta e não sexual.
- ▶ Protocolos de denúncia de direitos humanos para agentes da lei no contexto de medidas de emergência e garantir o treinamento desses funcionários.
- ▶ Conscientização sobre direitos humanos no contexto de medidas de emergência e acesso à justiça para garantir responsabilização e reparação.
- ▶ Garantir espaço para a sociedade civil, incluindo espaço na mídia responsável e na participação política democrática.

3.4 IMPACTO HUMANITÁRIO

É importante considerar os vínculos entre saúde, assuntos humanitários, paz e desenvolvimento na resposta à COVID-19. Os 25.2 milhões de refugiados, requerentes de asilo, deslocados internos e apátridas da África são alguns dos mais vulneráveis à COVID-19. Muitos estão abrigados em acampamentos lotados e em áreas de frágil segurança, sistemas de saúde frágeis e acesso limitado a serviços como água, saneamento e higiene. Nessas situações, medidas como lavagem repetida das mãos e distanciamento físico seriam difíceis de serem cumpridos

por deslocados internos ou nos campos de refugiados

Conflitos violentos, geralmente envolvendo grupos extremistas, agravam a sua situação de crise, pois danificam a infraestrutura dos serviços sociais. Eles também reduzem o acesso humanitário, interrompem as cadeias de suprimentos e impedem as populações vulneráveis de gerar renda com segurança e de terem resiliência. Ao mesmo tempo, o fechamento de fronteiras, a detenção e outros limites à liberdade de movimento aumentaram dramaticamente os riscos para as pessoas que buscam asilo e proteção.

Em 25 de março, o Secretário-Geral das Nações Unidas lançou um plano humanitário global de US\$2 bilhões para financiar a luta contra a COVID-19 em países prioritários, a maioria dos quais na África. O plano foi atualizado em maio, solicitando um total de US\$6.7 bilhões, com cobertura expandida para outros países do continente, juntamente com uma lista de países a serem observados. Ele também incentivou os governos a designar trabalhadores humanitários como trabalhadores essenciais para garantir o acesso humanitário durante a COVID-19. A resposta positiva da comunidade internacional para financiar o plano de resposta humanitária da ONU seria uma parte vital do combate bem-sucedido à pandemia na África.

“QUADRO 7: RECOMENDAÇÕES PARA O IMPACTO HUMANITÁRIO”

- Manter ou aumentar o apoio à iniciativas humanitárias da ONU e da União Africana para a COVID-19 e para planos de resposta humanitária específicos de cada país.
- Manter a natureza civil das respostas humanitárias e respostas à COVID-19 e garantir que grupos vulneráveis, como deslocados internos, migrantes, mulheres, crianças e idosos não sejam discriminados e que as suas necessidades sejam atendidas, inclusive através da inclusão nos serviços nacionais de saúde e planos de resposta.

SEÇÃO 4:

Além da Emergência - Um Caminho Para a Recuperação

Além do esforço para lidar com a crise de saúde da COVID-19 e as suas implicações imediatas, a resposta e a recuperação podem criar uma nova narrativa pós-pandemia para o continente. Essa pode ser uma oportunidade para mudanças transformadoras, para que uma África mais forte e mais resiliente surja - uma África que não está preparada apenas para enfrentar a próxima pandemia, mas também para tirar lições vitais dessa experiência para a Década de Ação. Os países africanos poderiam minimizar as desigualdades; reforçar os sistemas de saúde, a proteção social, a coesão e a inclusão; ressuscitar as economias e moldar novas políticas resilientes a choques. Isso exigirá não apenas vontade política, recursos e compromisso individual e coletivo dos países africanos, mas também solidariedade global.

AS NOVAS DIREÇÕES PODERÃO INCLUIR:

INTERESSES CONTINENTAIS VITAIS

Conforme confirmado pela pandemia da COVID-19, uma área prioritária crítica para a saúde pública na África é o acesso a produtos farmacêuticos. Para mitigar a dependência do continente de produtos farmacêuticos importados, a África deve acelerar a realização do seu Plano de Fabricação Farmacêutica, que visa abordar a falta de acesso a produtos médicos de qualidade e acessíveis. A Área de Livre Comércio Continental Africana (AFCFTA em sua sigla em inglês) pode ser uma oportunidade para promover o comércio de produtos farmacêuticos e para contribuir

para o fortalecimento dos sistemas de saúde africanos ao longo prazo.

O impacto perturbador da pandemia da COVID-19 nos suprimentos alimentares da África enfatizou que a segurança alimentar continua a ser uma alta prioridade para o continente e a necessidade de esforços renovados para impulsionar sistemas e comércio sustentáveis de alimentos. Soluções duráveis para a segurança alimentar exigem investimentos em sistemas de irrigação, de armazenamento, de transporte e de processamento agrícola para aumentar a produção, reduzir as perdas pós-colheita e a volatilidade no fornecimento e no preço dos alimentos.

A pandemia destacou a necessidade dos governos garantirem a infraestrutura crítica necessária durante emergências de saúde (portos, prédios, estradas, ferrovias, aeroportos, pontes e redes de eletricidade), que está exposta à riscos graves induzidos ou exacerbados por desastres relacionados ao clima, e de criar uma resiliência incorporada a essa nova infraestrutura.

IGUALDADE DE GÊNERO

O empreendedorismo feminino, a sua liderança e a percentagem correspondente ao comércio realizado por mulheres na economia informal que contribui para a economia em geral são avenidas para a recuperação mais forte e mais rápida, além de contribuir para a maior igualdade. Investimento direcionado, representação igual na liderança e proteções sociais expandidas são essenciais para aproveitar esse potencial.

A PROMESSA DA JUVENTUDE DA ÁFRICA

O futuro da África está com a sua juventude. Sessenta por cento da população da África tem menos de 25 anos. Educar e fornecer aos jovens as habilidades necessárias fornecerão ao continente uma força motriz para o seu desenvolvimento econômico e social.

GOVERNANÇA

A experiência de lidar com a COVID-19 tem o potencial de ajudar a fomentar o diálogo e a tomada de decisões nacionais, contratos sociais mais fortes entre estados e comunidades, maior confiança nas instituições e esforços aprimorados de construção da paz. Os países africanos poderiam implementar rigorosamente estratégias anticorrupção e aumentar a transparência na mobilização e utilização dos recursos de financiamento do desenvolvimento. Por sua parte, é fundamental que os parceiros da África honrem o seu compromisso de apoiar os esforços da África no combate aos fluxos financeiros ilícitos e a sua busca para obter maior representação e voz nos sistemas de governança globais.

Serão necessários esforços significativos para reforçar a resiliência, a proteção e a inclusão das populações deslocadas, inclusive nos setores de emprego e da educação. Sempre que possível, as populações deslocadas devem ser integradas no planejamento nacional de desenvolvimento.

FINANÇAS

Moratória da dívida, alívio da dívida e perdão da dívida são importantes, mas não são suficientes. É necessário abordar questões estruturais na arquitetura da dívida internacional para evitar inadimplência, levando à crises financeiras e econômicas prolongadas. Para evitar crises de dívida ao longo prazo, a África deve procurar fontes alternativas de financiamento. Isso inclui maior mobilização de recursos domésticos, aumento da produção, agregação de valor e diversificação econômica.

Os mecanismos de financiamento e de seguro para riscos de desastres são ferramentas essenciais dentro de uma abordagem

abrangente para a gestão de riscos de desastres. A Capacidade Africana de Riscos, agência especializada da União Africana, pode ser autorizada a expandir o escopo da sua assistência para incluir o fornecimento de apoio financeiro rápido durante episódios de epidemias.⁴⁸

ECONOMIA

A COVID-19 ampliou os riscos da forte dependência mundial de alguns países para com cadeias de suprimentos globais de produtos-chave. Os países africanos poderiam se posicionar melhor para atrair atividades de manufatura, à medida que as empresas manufatureiras globais buscam diversificar geograficamente as fontes de suprimento. Para isso, os países africanos precisam continuar a ampliar a sua infraestrutura, melhorar a logística, investir mais no desenvolvimento de habilidades, reduzir o custo de se fazer negócios e adotar a tecnologia digital de maneira mais ampla, inclusive aproveitando a AfCFTA. A África também poderia usar o seu apoio financeiro relacionado à recuperação para investir em fontes renováveis de energia numa escala significativa e para se afastar da dependência de combustíveis fósseis.

Existem oportunidades para os governos agirem a fortalecer simultaneamente os seus sistemas de saúde e suas economias, além de melhorar a sua preparação e resiliência aos impactos das mudanças climáticas. Os investimentos feitos hoje na economia verde têm potencial para criar milhões de empregos nos setores de energia, transporte, agricultura, conservação e manufatura. Estes investimentos são críticos para alcançar a Agenda 2063 da UA e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

DADOS E TECNOLOGIA

Os países africanos têm a chance de aproveitar a transformação da digitalização que está a se enraizar na África e de se adaptarem às realidades das mudanças tornadas urgentes pela pandemia. Isso exigiria investir em acesso à Internet, governo eletrônico, e-learning, justiça eletrônica, comércio eletrônico e saúde eletrônica para criar eficácia, eficiência e conectar mais africanos às oportunidades.

⁴⁸ A agência especializada da UA com o mandato de melhorar a capacidade e preparação dos governos para eventos climáticos extremos e desastres naturais

O registro civil é uma ferramenta importante para rastrear os efeitos ao longo prazo da pandemia. Mais de 40% dos africanos não possui documento que prova sua identidade na forma de uma certidão de nascimento ou uma identificação nacional. Os governos africanos poderiam acelerar o processo dos sistemas de identificação digital, seguindo os princípios da ECA para uma boa identificação digital, com base na inclusão e privacidade.

Conclusão

A pandemia da COVID-19 não poupou o continente africano. A experiência de cada país será única, mas surgem alguns desafios comuns, conforme detalhado neste resumo de políticas. Até o momento, as lições de outras regiões onde o vírus é mais avançado foram aplicadas com sucesso. Será necessário um apoio e solidariedade adicionais consideráveis para permanecer nessa trajetória.

O sucesso no controle do vírus na África é de interesse de todo o mundo, pois não estaremos seguros enquanto o vírus encontrar refúgio em qualquer lugar. As Nações Unidas continuarão a apoiar a África ao enfrentar a ameaça da COVID-19 nas suas manifestações imediatas e naquelas ao longo prazo.